

Antologia de laraxwz



Apresentado por

Meu Lado Poético 

DedicatÃ³ria

A vocÃª,
que transformou meus excessos em equilÃbrio
e meus silÃncios em casa.

Se hoje escrevo com calma,
Ã© porque um dia vocÃª decidiu ficar.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

Sobre o autor

Escreve porque sente demais.

Já foi feita de extremos, de silêncios e tempestades
internas,
mas aprendeu a transformar excesso em palavra
e palavra em abrigo.

resumo

Meu pássaro azul

Meu Ridi Pagliaccio

Ao anoitecer de sexta

Entre anjos calados e demônios acordados

O quase

Anseio Mudo

O Retorno

1:40AM

Maldito Ritual

Algo DIF3R3NT3

DUAL1D4D3

O peso do que não vemos

Entre o Desejo e a Ausência

Parece

Minha Confissão

Depois que você me olha

EU FICO

Entre o encanto e a profundidade

Antes da próxima respiração

Meu pássaro azul

Eu vi um pássaro azul a voar pelo céu,

Lembrei-me do trecho do poema do velho Bukowski *"há um pássaro azul em meu peito que quer sair"*

Talvez eu tenha deixado o meu pássaro azul livre

Mas será que ele nasceu pra ser livre?

Eu deixei meu passáro azul livre

Mas será que era assim que ele queria ficar?

Eu deixei meu pássaro azul livre

Será que era o momento certo ou eu o forcei a aprender a voar como uma alma amaldiçoada e cruel?

Eu deixei meu pássaro azul livre ou será que ele nunca foi meu?

Afinal, o que nos pertence não costuma ir

Eu deixei meu pássaro azul livre e sem querer eu o perdi

Eu deixei meu pássaro azul...

Por quê ninguém me avisou para prendê-lo?

Meu Ridi Pagliaccio

Havia em meu peito um peso constante,
Uma melancolia densa, sufocante
E os anjos sussurravam, doces e gentis,
Enquanto os demônios riam, astutos e sutis.

Eu andava por campos de névoa sombria,
Mas trajava na face uma ousada alegria
A cada risada, uma máscara surgia,
Um disfarce audaz, que a dor escondia.

Os anjos cantavam em tons de lamento,
Como se quisessem roubar o tormento
Mas os demônios, dançavam tão provocadores,
Guardando segredos dos antigos temores

Na noite profunda, onde as estrelas choram,
Meu coração clama, os ecos demoram ... ah, os ecos!
E entre a luz intangível e a sombra devastadora,
A minha alma encontra um eterno impasse de paz

Pois, o que sou eu senão este contraste?
Entre risos que ferem e sonhos com haste?
Uma dança eterna entre luz e escuridão,
Presa à ousadia de uma trágica ilusão...

Ao anoitecer de sexta

O dia escorre por entre galhos retorcidos de um cajueiro,
enquanto a luz do poste, obediente, desperta
para iluminar o que já começa a adormecer.
Pela janela do ônibus,
as estrelas ensaiam sua entrada - tímidas por entre nuvens que insistem em ofuscar seu brilho.

Os carros seguem, indiferentes, como se o mundo nunca tivesse sentido dor.
Os pássaros retornam aos seus abrigos,
como quem ainda sabe onde repousa o alívio.

Mas há um incêndio mudo no peito,
uma brasa que não consome, nem some.
O tempo engana - é sexta-feira, eles dizem,
mas no corpo, pesa como o último suspiro de um domingo.

E então, no escuro macio da noite que se forma,
fica a pergunta que ecoa sem resposta:
o que é mais real - o que o mundo mostra,
ou o que arde quieto por dentro, sem nome?

Entre anjos calados e demônios acordados

Anjos murmuram promessas de paz
com vozes finas demais pra acalmar o peito
suas asas cansadas mal sustentam a fé
e ainda assim, continuam ali ? imóveis, atentos
como quem espera uma queda já prevista

Mas os demônios, ah...
esses dançam com pressa sobre a pele
arranham o peito com unhas de lembrança
e apertam, sem piedade,
até o ar virar caco, até o grito ser silêncio.

Há uma guerra que ninguém vê,
onde o corpo treme, mas não corre,
onde o coração grita, mas não sai som.
E no meio desse campo invisível,
as palavras se desfazem antes de serem ditas,
como se a boca soubesse que não adiantaria.

O passado bate à porta com rosto que não se lembra,
mãos estendidas cheias de pedidos,
mas nenhum abraço verdadeiro.
E então acusam, como se amar fosse obrigação,
como se ausência não fosse também uma forma de cicatriz.

E as cápsulas voltam como soldados de paz,
mas há paz em não sentir?
Ou é só um silêncio forçado
que mascara o caos do lado de dentro?

E mesmo quando o abrigo tem nome

e mora no colo de alguém que acolhe,
o corpo falha, congela, esquece como se mover
é o paradoxo de querer e não conseguir
de precisar e, mesmo assim, não caber.

E no final, quando tudo silencia
e os anjos se cansam de sussurrar,
resta a pergunta que arde mais do que tudo:

Se eu não sinto o que esperam de mim...
será que sou menos digna de sentir algo,
ou só mais honesta por não mentir pro coração?

O quase

A um passo do abismo
e os olhos já sem foco
procuram no céu um sinal
de que a vida vale a pena.
Há vozes que dizem "fique"
mas falam como quem nunca caiu.
**conselhos vazios lançados a
um poço onde só o eco responde.**
Há uma vertigem que ninguém
vê, um grito guardado entre os dentes.
Um peso que não se explica aos
vivos.

E os olhos aprenderam a
disfarçar, como quem pinta rosas
em um muro em ruínas.
O corpo carrega pesos antigos,
segredos trincando os ossos e
um eco que implora por um repouso
sem nome.

**O chão treme, mas ainda não cede.
E talvez isso seja o pior ? não cair, mas
continuar no quase.**

No quase desistir, no quase não dizer
No quase viver, no quase rir, no quase chorar
No quase pedir ajuda, no quase...

Anseio Mudo

Ontem teve trilha,
céu aberto, cheiro de mato,
a promessa do vento varrendo o peito.
por um instante, um sonho, e a cabeça quase acreditou
que o corpo era só corpo
e não armadilha.

mas a noite veio e com ela,
o velho corte sem grito,
a dor muda, íntima,
desenhada rente demais ao que pulsa.
era 2 da manhã
as paredes pareciam olhar de volta,
e o silêncio não dizia nada
nem sim, nem não,
só o peso de existir com a pele ferida
por dentro

ninguém viu a trilha figurativa virar abismo,
nem o quanto é frágil
o fio entre o ser e o não ser devagarinho.

porque há momentos em que a alegria é só intervalo,
e a tristeza mora como inquilina antiga,
dessas que sabem cada canto da casa.
e tudo que resta é esse quase.

Esse anseio mudo de um lugar que doa menos.
mas e se não houver nenhum que doa menos?
a gente aprende a fingir abrigo -

ou se desfaz devagar dentro do vazio?

Imagem: Peter Ondreicka, Tight Mask 1987-1988

O Retorno

Ela voltou.
sem anúncio, sem cerimônia -
feito fumaça que entra pelas frestas
e eu, ainda cansada da última visita,
já sinto as pernas cederem no vazio do dia.

Me consome como incêndio se alastrando pela floresta,
que queima por dentro e gela por fora.
o foco escapa, a atenção falha,
as palavras viram ecos infinitos.

Estou e não estou, respondo mas não sinto,
olho mas não enxergo.
tudo é cansaço,
preciso ser gentil, mas mal me reconheço...

Preciso ceder,
mas com cuidado -
como quem segura um copo trincado,
um papel rasgado em meio a ventania
preciso paciência, mas estou sempre em fuga.
preciso misericórdia, mas nem sei se mereço.

E no meio disso tudo,
quem sou eu agora,
além do que resiste por hábito?
e se tudo isso for só o eco
de alguém que já não sabe voltar?

1:40AM

Conhecendo a própria dor, se vê escorregando pela garganta da ansiedade ?
não grita, não corre,
só tenta em vão escapar por caminhos frágeis,
frívolos, quase risíveis.
segue conselhos que vêm de fora,
de quem nunca viu o que há por dentro,
como se bastasse respirar fundo
ou tomar sol pra costurar o que se rompeu.
mas há dias em que tentar é falhar devagar,
e mesmo quando se tenta,
o mundo não pausa,
não observa, não reconhece.
eu escuto um chamado.
baixo, fundo, quase doce.. .
mas ainda não vou.
talvez por medo,
talvez por ainda querer um pouco mais.
ou por não saber se, indo,
enfim, tudo silencia.

Maldito Ritual

Há dias em que o corpo parece carregar nomes demais,
vozes demais, pesos demais - como se dentro dele houvesse uma sala
trancada **onde demônios cochicham em línguas que só o peito entende**

Tudo oscila: o querer viver, o querer sumir, o querer tudo ao mesmo tempo
**E cada pílula engolida é uma promessa feita a contragosto, uma tentativa de
domar as tempestades que mudam de nome mas nunca de intensidade**

O corte virou ritual, abrigo, vício ?
um lugar onde a dor física oferece um tipo estranho de silêncio, uma trégua íntima
E o mundo lá fora grita, em sons pequenos que ferem como sirenes:
vozes altas, portas batendo, até o relógio é agressivo.

A alma se irrita, se cansa, se quebra em picos e vales, e
**ninguém vê o esforço de seguir, de fingir normalidade
enquanto tudo arde por dentro**

Há momentos em que o corpo apenas sussurra para si:
se eu desaparecesse agora, alguém notaria?
mas há também uma amarra tênue, quase imperceptível, que ainda segura ?
e talvez, por enquanto, isso seja o suficiente para não soltar...

Algo DIF3R3NT3

Às vezes,
quando o dia não pesa tanto,
eu quase acredito no depois.

E é um quase tão doce...
feito cheiro de terra molhada depois da seca,
feito aquela luz tímida
que atravessa o quarto sem pedir licença ?
só vem, e fica.

Não é euforia, é semente.
uma semente pequena,
discreta, mas viva.

Há algo novo respirando aqui dentro.
um silêncio **menos** cortante,
um cansaço que, enfim,
não quer desistir.

e mesmo que o corpo ainda tema,
há uma parte que, em segredo,
ensina os ossos a ficar,
e mantém o sangue circulando.

Não sei o nome disso,
mas gosto da forma como acalma o peito.
como se, por um instante só,
viver não doesse tanto.

Seria isso...o começo?
ou só mais um suspiro

antes da queda?

DUAL1D4D3

Há dias em que tudo pulsa demais
e mesmo assim, parece nada.
Um grito mora entre os dentes, mas sai em forma de silêncio
Um silêncio gritante...

É como carregar dois espelhos quebrados
Um reflete tudo o que falta, e o outro tudo o que sobra...
Mas não se complementam.

Ser e não ser
na mesma respiração
saber e duvidar que sabe,
tudo no mesmo pensamento

A cabeça sussurra: inútil.
O coração rebate: olha tudo o que você já fez.
O corpo falha, mas insiste, anda torto mas segue estrada a fora.

Há um quarto trancado dentro de outro
e uma versão de si batendo na porta pedindo pra entrar ou pra sair, quem vai saber??

A mente tropeça no próprio eco
Não há paz no centro, porque o centro não existe
Só extremos dançando como duas estrelas prestes a fundir e se tornar a aberração do cosmos.

E ainda assim... no meio do caos, há quem segure o próprio nome como se fosse

a última coisa que restou.

Afinal, quem é que sobrevive sendo metade e excesso ao mesmo tempo?

O peso do que não vemos

Dizem que tudo encontra seu lugar,
mas eu só vejo pássaros sem ninho.
Dizem que o amor é abrigo,
mas há mãos trêmulas segurando destroços

O tempo me olha sem olhos,
ri sem boca,
promete sem voz.
E eu espero
como quem espera por um trem que nunca existiu.

Se tudo que existe ocupa um espaço,
por que ainda tropeço no que não está aqui?
Se o vazio não pesa,
por que meus ossos rangem sob ele?

Dizem que o caos tem ordem,
mas e se for apenas um nome bonito para o fim?
Dizem que certas coisas nunca morrem,
mas eu só vejo espectros sem carne

Eu tentei segurar,
mas segurei vento...

Entre o Desejo e a Ausência

Se eu pudesse traduzir meu coração em gestos,
talvez você tivesse que ouvir cada suspiro meu
como se fosse uma sinfonia que ninguém mais consegue escutar.
eu te deixaria bilhetes espalhados pelo vento,
mas você nem sentiria o toque deles.
Me faltam coragem e ao mesmo tempo sobra ansiedade,
porque cada palavra que poderia te chegar se perde entre meus dentes cerrados
Eu te daria o mundo em pedaços minúsculos,
os rios em pequenos goles, e ainda assim você passaria reto.
se o amor fosse como nuvem,
eu me dissolveria sobre você
e você nem perceberia que choveu.
Eu faria mil loucuras só pra que seu olhar se encontrasse com o meu,
mesmo que fosse por um instante que durasse menos que um pensamento.
mas eu vivo aqui, na borda do que sinto, assistindo o impossível,
arrastando minha coragem por trilhas que nunca levam a você.
E dói. Dói mais que qualquer ausência, porque meu imaginário é teu abrigo e minha realidade, um deserto.

Eu te amo, silenciosamente, febrilmente, ardentemente apenas em pensamentos que você nunca vai colher.

Parece

Parece que meu corpo tá cansado
mas minha cabeça não sabe disso
fica girando, girando, como se tivesse festa
mas ninguém veio
Eu deito
e o travesseiro vira um palco de pensamento
um show que eu não pedi pra assistir
Tudo que eu queria era silêncio
mas tem uma música dentro de mim
que não desliga
e eu canto sem querer
como se a voz fosse o único jeito
de não quebrar por dentro
É estranho
parece alegria por fora
mas por dentro é só um cansaço pulsando rápido
um coração indo na frente
e eu tentando alcançar
Às vezes eu acho que meu próprio cérebro
tá correndo de mim
E eu fico aqui
no meio dessa luz acesa que não apaga
pedindo pra noite me carregar
pra algum lugar
onde eu consiga finalmente
parar.

Minha Confissão

Encontrar você foi como esbarrar numa parte minha que eu nunca tive ? uma peça que não veio comigo, mas que, por algum motivo, estava guardada em você.

Amizade, dizem. mas às vezes amizade é só o nome que damos quando o coração reconhece algo profundo demais para ser ignorado e delicado demais para ser confessado.

Há um estranhamento bonito entre nós:

como se cada um carregasse exatamente aquilo que o outro perdeu pelo caminho.

Você com essa firmeza que eu invejo,

Eu com essa sensibilidade que você nunca acreditou merecer.

É porque na verdade um enxerga no outro algo que lhe faz falta,

alguns traços que gostaria de ter mas que não acredita que pode conseguir em si próprio.

Talvez seja por isso que ficamos, mesmo sem precisar.

Você me puxa do abismo sem perceber;

Eu te suavizo sem querer.

E nesse encontro torto, quase acidental,

tem algo que nos costura ? delicado, impreciso, mas vivo.

e, no fundo, acho que é por isso que o coração insiste em tremer quando você chega perto, como se reconhecesse um território que nunca pisou,

mas que mesmo assim chama de lar

não digo nada ? eu confesso, não sei dizer ?

mas às vezes meu silêncio quase desliza pela borda da boca,

quase vira palavra,

quase te toca.

é estranho sentir tanto e disfarçar tão bem.

estranho perceber que meu riso encontra o seu sem que eu mande,

que minha alma descansa ao seu lado como se entendesse algo que minha mente ainda teme nomear.

não é amor, dizemos um para outro,
não pode ser.

Então por que a falta vem mesmo quando você está aqui?
Por que a sua presença acende coisas que eu fingia não ter?
e eu sigo assim,
nesse quase-querer que nunca confesso,
guardando uma ternura que cresce sozinha,

**como se o coração, teimoso,
soubesse o que eu ainda não tenho coragem de admitir:
que em algum lugar entre o que somos e o que fingimos ser,
você se tornou o meu afeto preferido.**

Depois que você me olha

Eu me apaixonei pelos seus olhos
como quem esquece o próprio nome
Não é pelo que eles veem
é pelo jeito que me encontram
mesmo quando eu tento me esconder
Seus olhos ficam
moram em mim
me observam por dentro
e ainda assim
me fazem querer ficar
Eu não quero seus olhos
quero o lugar que eles criam
onde tudo em mim se rende
sem medo
sem defesa
Isso não é amor calmo, é intenso
é fome
é vertigem
**é eu aprendendo a existir
do jeito mais bonito
quando sou vista
por você**

EU FICO

Eu choro e rio ao mesmo tempo
como se meu corpo não soubesse mais
qual emoção é a certa para sobreviver
parece sempre o último minuto
e ninguém escuta o alarme tocando estridentemente

Por dentro tudo grita
mas por fora eu só falho
não faço, não entrego, não chego
e cada ausência minha
vira prova de que não tô prestando para nada

Existir cansa
como carregar um nome pesado demais
como pedir desculpa por respirar
eu me olho e não vejo gente
vejo resto, atraso, erro...

Talvez eu esteja sendo um pouco cruel, mas
Há dias em que a vida
é só uma obrigação que dói
e eu queria desaparecer
sem morrer
só pra parar de doer

Então você me chama
não como quem salva
mas como quem reconhece
e diz fica
mesmo quando eu sou caos

E é por você que eu fico,
O amor não apaga o abismo

mas faz ponte
mesmo frágil
mesmo tremendo
mesmo sabendo que posso cair

Mas eu sigo,
eu sigo
com o peito em guerra
e a alma em estado de emergência
aprendendo a não desaparecer
nos dias em que viver dói demais

Fico
não porque sou forte
mas porque alguém me viu
no meu pior
e ainda assim
não soltou minha mão.

Entre o encanto e a profundidade

Se antes eu te amava em silêncio,
hoje o mundo inteiro me escuta.
Aqueles bilhetes que o vento levava
agora dormem na tua mesa,
abertos, lidos, amassados de tanto toque.

**Eu não preciso mais me dissolver em nuvem
você sente a chuva,
você levanta o rosto quando eu chovo.**

O que antes era deserto
virou incêndio compartilhado,
dois corpos aprendendo a arder
sem medo de se consumir.
Eu não estou mais na borda do que sinto,
eu mergulhei ?
e você mergulhou comigo.
Meu imaginário não é mais abrigo solitário,
é casa habitada,
é quarto bagunçado de tanta presença,
é respiração misturada no meio da madrugada.

Eu te amo agora com voz,
com mãos,
com urgência.
E às vezes eu penso
que a menina que te observava de longe
não acreditaria
que um dia o impossível
teria o teu sobrenome colado no meu riso.

Eu te amo, não mais silenciosamente, mas declaradamente, não apenas febrilmente, mas serenamente, ardentemente e agora em pensamentos, gestos e dias que você colhe comigo.

Antes da próxima respiração

Eu pensei que já conhecia o amor
como quem reconhece um caminho antigo
pisado muitas vezes
sem surpresa.
Mas você chegou
e algo em mim percebeu o erro
Não era amor o que eu conhecia
era apenas a ideia dele
uma sombra confortável
uma hipótese repetida em livros de romance.
O que aconteceu quando você apareceu
foi outra coisa
E há uma espécie de devoção estranha nisso
não religiosa
mas profunda
como se existir ao teu lado fosse
um pequeno ritual diário

Já não confundo amor com silêncio
Entre tudo que mudou em mim
Aprendi a reconhecer tua presença
No lugar exato onde meu coração descansa

E às vezes me assusta
a forma como tudo em mim
parece agora apontar para você
Como se o mundo inteiro
tivesse reorganizado seus caminhos
apenas para me levar
até você

E eu chegaria de novo
mil vezes

Porque agora sei
com uma certeza quase perigosa
que se existe algum lugar

onde meu coração realmente repousa
é na distância exata
entre o som do teu nome
e o segundo
antes de eu respirar de novo.